



Percurso Pedestre | Malara

milhafre preto

Tipo	Circular
Distância	12 kms
Duração aprox.	4 horas
Dificuldade	Média
Cota Máx/Min	665 mts/ 510mts
Animais a "descobrir"	Milhafre-Preto, Tartaranhão-Caçador, Lontra, Raposa, Javali
Entidade Promotora	Parque Natural de Montesinho

Sinalética



caminho certo



caminho errado



virar à esquerda



virar à direita

Conselhos

- Evite andar sozinho na montanha;
- Utilize sempre calçado e vestuário adequado;
- Não abandone o lixo, leve-o até ao respectivo local de recolha;
- Evite fazer ruídos e barulhos;
- Respeite a propriedade privada.



castanheiro

Notas e Desenhos



lontra

Ilustrações | j. cruz

O percurso que iremos seguir insere-se nas freguesias de Gimonde e de Baçal, oferecendo uma panorâmica da paisagem da Baixa Lombada, uma micro-região situada entre os 530 e os 700 m, de marcada influência mediterrânica, drenada pelos rios Igrejas e Onor e pela ribeira de Labiadas, integrados na bacia hidrográfica do rio Sabor e que a ele afluem em Gimonde, oferecendo a esta povoação um estatuto ribeirinho inigualável. É um percurso circular de cerca de 12 km que se desenvolve pelos interflúvios criados por aquelas linhas de água, tendo como curso estruturante o Onor, ou Malara, designação que toma o rio no seu troço final.

| Hortas de Malara

O percurso tem início no parque de merendas de Gimonde. Avançando por entre o aglomerado, vislumbrando-se alguns exemplos mais ou menos intactos de arquitectura vernácula, ultrapassada a foz do rio Onor e cruzado o rio Igrejas, inicia-se a caminhada ao longo da margem direita do primeiro. Os terrenos profundos de aluvião no fundo do vale aparecem retalhados em inúmeras leiras beneficiadas por regadio das quais se arranca todo o rebono (frescos da horta, essencialmente culturas de Primavera) que os mais arreigados ao trabalho agrícola continuam a semear, essencialmente para consumo próprio. Oliveiras e vinhas aparecem instaladas já nas encostas deste vale, voltadas a nascente, oferecendo pequenas produções de azeite e de vinho de razoável qualidade.

| Faceira

Deixando o vale do rio Onor e atingindo a cumeada do lombeiro que o separa do vale do rio Igrejas, verifica-se que a ocupação agrícola do solo se faz essencialmente com culturas de sequeiro extensivo para grão, correspondentes ao cereal de Inverno (centeio, trigo, aveia). A seguir à segada em pleno Verão, os terrenos permanecem por um ano em pousio com o restolho (faceira). De novos usos do solo, dão conta algumas culturas perenes, nomeadamente de castanheiro e de cerdeiro (cerejeira) que ocupam contadas parcelas resgatadas ao cereal ou ao abandono. Alternam com os campos numerosos bosquetes de azinheira a que se associam outras plantas mediterrânicas, como a gilbardeira, o trovisco, a rosa-de-lobo, o jasmim-silvestre ou o cadorno, que já se observavam nas cotas mais elevadas das encostas voltadas ao vale de Onor. A este e a nordeste avistam-se as povoações de Vale de Lamas e de Sacoias e todo o mosaico agrícola que as cercam. A seguir a Sacoias, num cabeço suave ocupado por vinhedos, localiza-se o Castro de Sacoias, povoado romano importante no contexto regional, e ao lado a capela de Nossa Senhora da assunção, sob a qual deve ter existido a necrópole deste povoado. No céu, poderá observar algumas aves de rapina, como o milhafre-preto ou o tartaranhão-caçador.

| Lameiros de Secadal

O regresso ao vale do rio Onor faz-se paralelo a uma pequena linha de água estreitamente dependente do regime de precipitação, ao longo da qual se desenvolve uma esguia mancha de lameiros, ditos de secadal (sequeiro) por se associarem a este tipo de regime hídrico. São explorados, normalmente, num regime misto de corte - no final da Primavera/início do Verão - e de pastoreio, sendo coutados a partir do início de Março.

| Rio Onor

A travessia do curso do Onor terá de ser efectuada com recurso às poldras colocadas na continuação do caminho, do lado direito. Este rio nasce em Espanha, na parte ocidental da serra da Culebra, percorrendo um total de cerca de 30 Km até desaguar no rio Sabor. O caudal do rio é irregular, mas alberga as espécies de peixes mais comuns na região (truta, boga, escaló, barbo). Amieiros, freixos, salgueiros e choupos formam exuberantes cortinas em cada uma das suas margens, e por detrás delas vislumbram-se extensos contínuos de pastagens de regadio (lameiros de feno). As margens deste rio servem também de refúgio à lontra e ao cágado, cujos movimentos poderão surpreendê-lo se estiver vigilante, tal como o voo do guarda-rios.

| Incultos

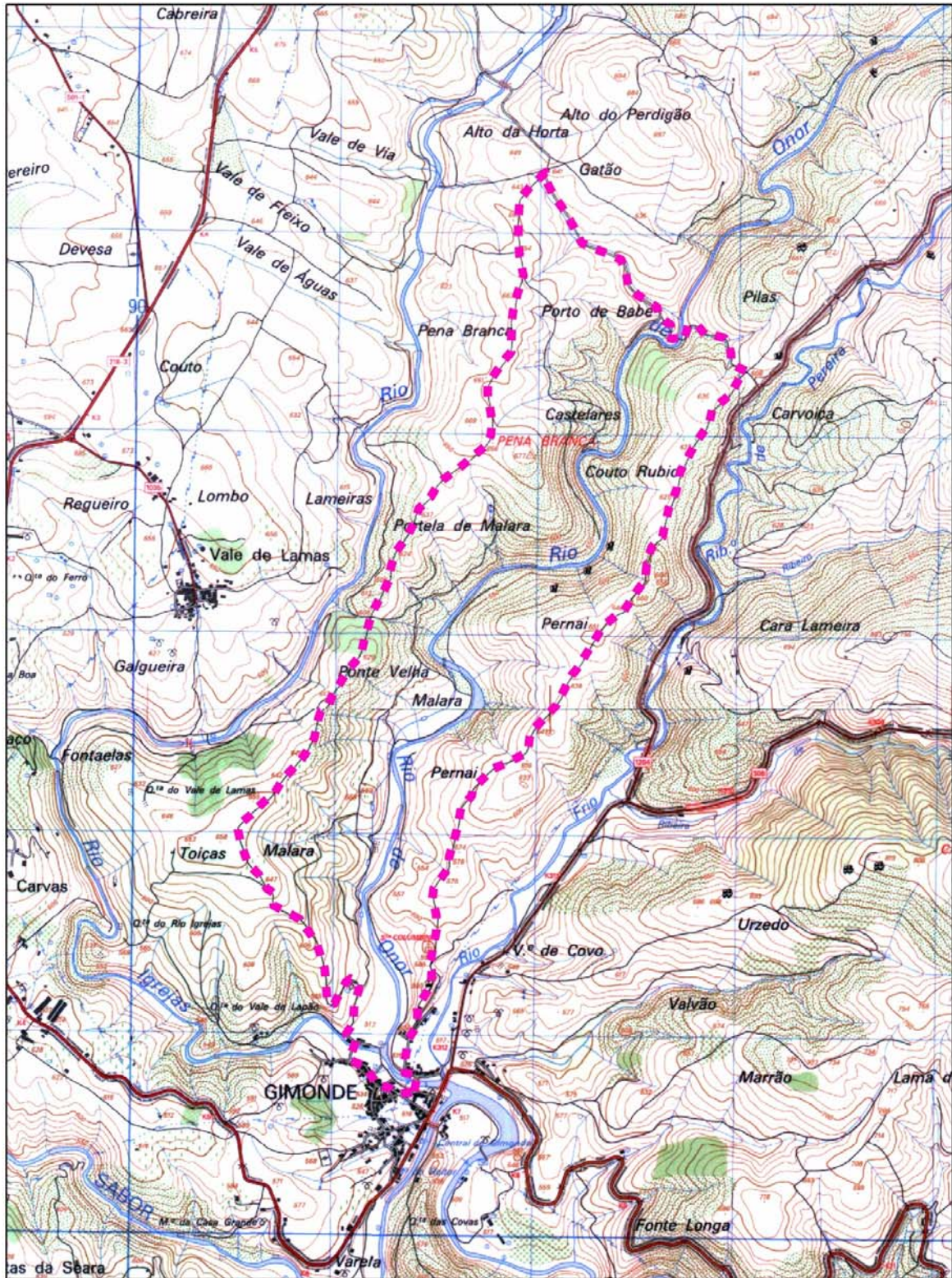
Ultrapassando o rio e chegados ao alto da superfície que o separa do curso da ribeira de labiadas, localmente apelidada de rio Frio, o percurso começa por seguir por entre terrenos agrícolas abandonados que paulatinamente vão sendo ocupados por diversas espécies arbustivas, com destaque para as giestas amarela e branca, a arçã e a esteva. Atente-se nesta fase de evolução do coberto vegetal para uma etapa arbustiva que, depois do abandono agrícola, se revela fundamental para a conservação e recuperação ecológica, nomeadamente ao travar a erosão dos solos, ao produzir matéria orgânica e ao criar refúgio para diversas espécies de animais, como a perdiz-vermelha, a raposa ou o javali.

| Santa Colombina e Santo António

Os templos de Santa Colombina e de Santo António têm localização sobranceira à povoação de Gimonde. As festas anuais em honra destes oragos, as principais de Gimonde, realizam-se no 3.º fim-de-semana de Setembro, dedicando-se o sábado às festividades da Santa e o domingo às do santo. A manhã é reservada à procissão e a missa e a noite ao bailarico. Olhando para su-sueste observará, rodeado pelo rio Sabor, o Arrabalde, terraço fluvial com ocupação da época romana e o castro, povoado fortificado da Idade do ferro, com sistema defensivo composto por uma linha de muralha, um torreão e um fosso.

| Ponte Velha

Reentrando na aldeia, depara-se agora com a vetusta ponte de técnica medieval, de tabuleiro em cavaleta suave, com seis arcos de meio ponto e talhamares a montante e a jusante. A sua superestrutura e guardas são construídas em pedra xistenta, assentando as suas fundações, superficialmente, no maciço rochoso de xisto. Transposto o rio, finda o percurso.



Fonte cartográfica | Cartas Militares n.º 25 e 38, IGEOE.

Textos e sinalização da autoria do Parque Natural de Montesinho.